



KAFKA



Metamorphose

Com introdução de *David Cronenberg*



FARO
EDITORIAL
CLÁSSICOS

KAFKÁ

MetAMORfoSE

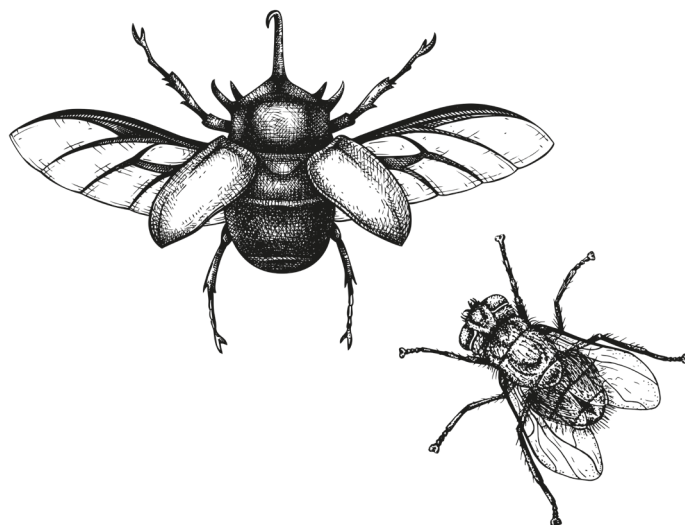
Tradução: UNAMA





O
BESOURO
E A
MOSCA

POR DAVID CRONENBERG



Recentemente, ao acordar certa manhã, eu me dei conta de que era um homem de setenta anos de idade. Isso é diferente do que acontece a Gregor Samsa em *Metamorfose*? Ele acorda e descobre que se transformou num inseto do tamanho de um homem (provavelmente da família dos besouros, se confiarmos no julgamento da sua arrumadeira), mas nem por isso um tipo particularmente robusto de inseto. As nossas reações, a minha e a de Gregor, são bem parecidas. Ficamos confusos e perplexos, e cogitamos que se trata de uma ilusão momentânea que não demorará a se dissipar, deixando-nos seguir com as nossas vidas normalmente. O que pode ter dado

METAMORFOSE

origem a essas transformações semelhantes? Você sem dúvida pode antecipar a chegada de um aniversário, por mais longe que ele esteja, e quando ele acontece, você não reage com espanto. E como qualquer amigo bem-intencionado lhe dirá, setenta é só um número. Que impacto esse número pode de fato ter numa vida humana física, real e única?

No caso de Gregor, um jovem caixeiro-viajante que passa a noite na casa da sua família em Praga, acordar transformado numa estranha criatura — um híbrido de humano e de inseto — é, para dizer o óbvio, uma completa surpresa, impossível de antecipar; e a reação da sua família — sua mãe, seu pai, sua irmã, sua arrumadeira, sua cozinheira — é recuar tomada de horror, como seria de se esperar. E nenhum membro da família de Gregor se sente compelido a consolar a criatura, comentando, por exemplo, que um inseto também é um ser vivo, e transformar-se num inseto pode ser uma experiência estimulante e edificante para um ser humano medíocre que vive uma vida apagada — então, qual é o problema? De qualquer maneira, esse consolo sugerido não poderia figurar na estrutura da história, porque Gregor pode entender a fala humana, mas não pode ser compreendido quando tenta falar, e por isso a sua família nunca pensa em abordá-lo como se aborda uma criatura com inteligência humana. (É preciso perceber, porém, que em sua banalidade burguesa



FRANZ KAFKÁ

esses familiares de algum modo aceitam que a criatura seja, inexplicavelmente, o seu Gregor. Nunca ocorre a eles que, por exemplo, um besouro gigante possa ter devorado Gregor; eles não têm imaginação para tanto, e Gregor rapidamente se torna pouco mais que um problema de ordem doméstica.) Sua transformação fecha-o dentro de si mesmo de maneira definitiva, como se ele tivesse sofrido uma total paralisia. Esses dois cenários, o meu e o de Gregor, parecem ser tão diferentes que talvez alguém se pergunte por que me dou ao trabalho de compará-los. Eu argumento que a fonte das transformações é a mesma: nós dois despertamos para uma conscientização forçada do que realmente somos, e essa conscientização é profunda e irreversível; em ambos os casos, a ilusão logo se impõe como uma nova e inevitável realidade, e a vida deixa de ser como era antes.

A transformação de Gregor é uma sentença de morte, ou, de alguma maneira, um diagnóstico fatal? Por que o besouro Gregor não sobrevive? É o seu cérebro humano — depressivo, triste e melancólico — que trai a força e a determinação básicas do inseto? O cérebro sabota o afã que o inseto tem de sobreviver, e até de comer? O que há de errado com esse besouro? Besouros — insetos da ordem Coleoptera, termo que significa “asa endurecida”, “encapsulada” (embora Gregor jamais pareça descobrir as

METAMORFOSE

próprias asas, as quais supostamente estão escondidas sob as suas coberturas de asa dura) — são sabidamente resistentes e bem adaptados para sobreviver; há mais espécies de besouros do que qualquer outra ordem na Terra. Bem, nós somos informados de que Gregor tem pulmões ruins, que “não são muito confiáveis, nenhum dos dois”; sendo assim, o besouro Gregor tem pulmões ruins também, ou pelo menos o equivalente num inseto, e talvez esse realmente seja o seu diagnóstico fatal. Ou talvez seja a sua crescente incapacidade de comer que o mata, assim como matou Kafka, que no final tossia sangue e morreu de inanição causada por tuberculose laríngea aos quarenta anos de idade. E quanto a mim? Meu aniversário de setenta anos é uma sentença de morte? Sim, claro que é, e de certa forma isso me encerra dentro de mim mesmo como se eu tivesse sofrido uma paralisia total. E essa revelação é a função da cama, e de sonhar na cama, o cimento no qual as minúcias da vida cotidiana são esmagadas, moídas e misturadas com a memória e o desejo e o medo. Gregor desperta de um sonho turbulento que nunca é descrito explicitamente por Kafka. Teria Gregor sonhado que era um inseto, para então acordar e descobrir que era mesmo um? “Que diabos aconteceu comigo?”, ele pensou.” “Não era um sonho”, Kafka diz, referindo-se ao novo aspecto físico de



FRANZ KAFKÁ

Gregor, mas nada indica claramente que o seu sonho turbulento foi um sonho premonitório com um inseto. No filme que eu coescrevi e dirigi a partir do conto "A Mosca", de George Langelaan, eu fiz o nosso herói Seth Brundle (interpretado por Jeff Goldblum) dizer — em meio à agonia da sua transformação num abominável híbrido de mosca e ser humano — as seguintes palavras: “Eu sou um inseto que sonhou que era um homem e adorou isso. Mas agora o sonho acabou, e o inseto está desperto”. Ele alerta a sua ex-amante para o fato de que agora ele representa perigo para ela, pois é uma criatura desprovida de compaixão e de empatia. Ele abandonou a sua humanidade como uma cigarra abandona a antiga casca, e o que emergiu desse processo já não é mais humano. Ele também sugere que ser um humano, uma consciência que tem a percepção de si mesma, é um sonho que não pode durar, uma ilusão. Gregor também tem problemas para se agarrar ao que resta da sua humanidade, e quando a sua família passa a sentir que a coisa no quarto de Gregor não é mais Gregor, ele começa a sentir o mesmo. Porém, diferente da mosca de Brundle, o besouro de Gregor é uma ameaça para ele próprio apenas e para mais ninguém, e morre de fome e desaparece como um pensamento, enquanto a sua família se regozija e

METAMORFOSE

comemora por estar livre do embaraçoso e vergonhoso fardo que ele se tornara.

Quando o filme *A Mosca* foi lançado em 1986, especulou-se muito que a doença que Brundle causou a si mesmo era uma metáfora para a aids. Isso certamente é compreensível — todos pensaram em aids enquanto o vasto alcance da doença foi se revelando. Para mim, porém, a doença de Brundle era mais fundamental: ele estava envelhecendo, de um modo artificialmente acelerado. Ele era uma consciência que estava consciente de que era um corpo mortal, e com amarga compreensão e humor tomou parte nessa transformação inevitável que todos nós enfrentamos, ou pelo menos aqueles de nós que vivem o bastante para isso. Diferente de Gregor, passivo e prestativo porém anônimo, Brundle era uma estrela no firmamento da ciência, e foi uma experiência temerária e impensada relacionada a transporte de matéria através do espaço (seu DNA se misturou com o de uma mosca) que causou o seu drama.

A história de Langelaan, publicada na revista *Playboy* em 1957, enquadra-se solidamente no gênero de ficção científica, com a elaboração cuidadosa, caprichosa até (duas cabines telefônicas usadas aparecem na história), de todas as técnicas e conceitualizações exibidas por seu herói cientista. A história de Kafka não é ficção científica, claro; não suscita



FRANZ KAFKÁ

discussão sobre tecnologia, sobre excesso de confiança na investigação científica, nem sobre o uso da pesquisa científica para fins militares. Sem nenhum tipo de artifício de ficção científica, *Metamorfose* nos obriga a pensar por meio de analogia, de interpretação reflexiva, embora seja revelador que nenhum dos personagens da história, nem mesmo Gregor, chegue alguma vez a pensar dessa maneira. Por que uma represália tão monstruosa teria sido lançada por Deus, ou pelo Destino, sobre eles? Isso teria sido uma punição por algum pecado, por algum segredo de família? Mas ninguém faz esse tipo de reflexão, ninguém busca um sentido para isso, nem mesmo no plano existencial mais básico. O bizarro evento é abordado de maneira superficial, banal, materialista, e quase imediatamente ganha contornos de incidente em família, infeliz porém normal, que relutantemente deve ser enfrentado.

Histórias de transformações mágicas sempre fizeram parte do cânone narrativo da humanidade. Elas dão voz àquele nosso sentimento universal de empatia por todas as formas de vida; elas expressam aquele desejo por transcendência que todas as religiões também expressam; elas nos levam a imaginar se a transformação em outra criatura viva seria uma prova da possibilidade de reencarnação e de algum tipo de vida após a morte — um conceito

METAMORFOSE

religioso e auspicioso, portanto, por mais detestável ou desastrosa que seja a narrativa. Certamente o meu Brundle-Mosca experimenta momentos insanos de força e poder, convencido de que combinou os melhores componentes do humano e do inseto para se tornar um ser dotado de superpoderes, ele se nega a enxergar em sua evolução pessoal nada que não seja vitória, mesmo quando começa a perder as partes humanas do seu corpo, as quais ele guarda com cuidado num armário de remédios. Ele se refere a esse armário como Museu de História Natural de Brundle.

Não há nada disso em *Metamorfose*. O Samsa-Besouro mal tem consciência de que é um híbrido, embora se entretenha como um híbrido sempre que pode, seja pendurando-se no teto e rastejando por entre a bagunça e a sujeira do seu quarto (prazeres de besouro), seja escutando a música que a sua irmã toca no violino (prazer humano). Mas a família Samsa é o referencial do Samsa-Besouro, e é a prisão dele, e sua subserviência às necessidades da família — antes e depois da sua transformação — o leva, no fim das contas, a perceber que seria mais conveniente para os seus se ele simplesmente sumisse; seria uma expressão do amor de Gregor por eles, na realidade, e é justamente o que Gregor faz, morrendo em silêncio. A curta porém fantástica vida do Samsa-Besouro se desenrola num contexto definitivamente mundano



FRANZ KAFKÁ

e funcional, e não consegue instigar nos personagens da história o menor indício de meditação, de filosofia ou de reflexão profunda. Por outro lado, quão semelhante seria a história se naquela fatídica manhã a família Samsa encontrasse no quarto do filho não um jovem e vibrante caixeiro-viajante, mas um velho de oitenta e nove anos de idade, confuso, meio cego e que mal conseguisse andar, e que usasse bengalas que lembrassem pernas de inseto; um homem que balbuciasse coisas incoerentes e sujasse as calças, e nas sombras da sua demência projetava raiva e produz culpa? Se, quando Gregor Samsa acordasse certa manhã de um sonho tortuoso, ele se visse transformado num velho demente, incapacitado e difícil, bem em cima da sua cama? Sua família fica horrorizada, mas de alguma maneira consegue identificar Gregor ali, ainda que transformado. Com o tempo, porém, como na versão da história em que ele se transforma em besouro, a família decide que ele não é mais o seu Gregor, e que desaparecer seria uma bênção para ele.

Na época da turnê de divulgação do filme *A Mosca*, perguntaram-me muitas vezes qual inseto eu gostaria de ser se eu passasse por uma transformação entomológica. Minhas respostas variavam, dependendo do meu humor, embora eu tivesse predileção pela libélula, não apenas por seu voo espetacular, mas também pela originalidade do seu selvagem

MetamORfoSE

estágio subaquático de ninfa, com suas mortais mandíbulas, extensas e flexíveis. Além disso, a ideia de acasalar em pleno ar pode ser interessante, eu imagino. “Essa libélula não seria a sua alma, voando na direção do céu?”, alguém comentou. “Não é isso o que você está realmente buscando?” Não, na verdade não, eu disse. Eu seria mesmo uma simples libélula, e então, se eu conseguisse evitar ser comido por um sapo ou por um pássaro, eu acasalaria, e no final do verão eu morreria.

DAVID CRONENBERG,
cineasta premiado que dirigiu dezenas de
grandes produções, entre elas: *A Mosca*, *Crash*
— *Estranhos Prazeres* e *Madame Butterfly*.



**ASSINE NOSSA NEWSLETTER E RECEBA
INFORMAÇÕES DE TODOS OS LANÇAMENTOS**

www.faroeditorial.com.br



CAMPANHA



Há um grande número de portadores do vírus HIV e de hepatite que não se trata. Gratuito e sigiloso, fazer o teste de HIV e hepatite é mais rápido do que ler um livro. **FAÇA O TESTE. NÃO FIQUE NA DÚVIDA!**



ESTA OBRA FOI IMPRESSA
EM JANEIRO DE 2022